

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LETRAS, política & sociedade



Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LETRAS, política & sociedade



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras, política & sociedade / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0033-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.332223103>

1. Letras. 2. Política. 3. Sociedade. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Letras, política & sociedade* apresenta, em seus treze capítulos, trabalhos diversos correlacionados ao tema que o volume se propõe a tratar, entrelaçando, de fato, as letras, a sociedade e a política. Tendo em vista que não há letras sem sociedade e não há sociedade sem política, o tema é muito bem cortejado pelos treze artigos que o atravessam.

Desse modo, temos trabalhos que possuem, como *corpus*, obras de Louvet de Couvray, Martins Pena, Pero Vaz de Caminha, Jorge de Souza Araújo, Mia Couto, José de Alencar, Gilberto Gil, E. E. Cummings, John Bunyan e Valêncio Xavier, cortejando seu objeto de estudo com diferentes possibilidades metodológicas, construindo um abrangente horizonte de abordagens literárias, musicais e históricas.

Há, ainda, trabalhos que contemplem manchetes do jornal G1, letramento de imigrantes e refugiados, declaração de Jair Bolsonaro à nação brasileira, o trabalho do crítico Roland Barthes e a mudança de apresentação de um partido político brasileiro. Como pode ser observado, há um rico leque de possibilidades de verificação desse vasto *corpus* no campo da linguística, bem como político e social.

Portanto, o volume em questão corrobora para o enriquecimento não só do campo da literatura e da linguística, mas também no que tange à política e à sociologia, contribuindo para com as Ciências Humanas e possibilitando novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados e a todos que se interessarem por diversas correntes metodológicas a atravessarem o horizonte das humanidades.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 11

DIZER O INDIZÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO, LITERÁRIO E SOCIAL EM “BECOS DO HOMEM”

Adriane Ester Hoffmann

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231031>

CAPÍTULO 2..... 16

GUERRA CIVIL, SONHOS E ANCESTRALIDADES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: DECIFRANDO A “TERRA SONÂMBULA” DE MIA COUTO

Diego Romerito Braga Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231032>

CAPÍTULO 3..... 27

CARTAS ENTRE AMIGOS: UM RELATO LITERÁRIO

Juliana de Lima Laperla Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231033>

CAPÍTULO 4..... 33

JOSÉ DE ALENCAR: O POLÍTICO NATO

Juliana de Lima Laperla Batista

Valéria Carança Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231034>

CAPÍTULO 5..... 39

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO LOCUTOR NA DECLARAÇÃO À NAÇÃO DO PRESIDENTE BOLSONARO (09/09/2021)

Neire Ferreira Yamamoto

Maria Eliete de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231035>

CAPÍTULO 6..... 52

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA DA MUDANÇA DE PMDB A MDB, OU DAS “MUDANÇAS” POLÍTICAS NO BRASIL

Diego Rodrigo Ferraz

Rainne Fogaça da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231036>

CAPÍTULO 7..... 62

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA ORALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO PARA IMIGRANTES E REFUGIADOS NÃO ALFABETIZADOS

Umberto Euzebio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231037>

CAPÍTULO 8.....	75
<i>PANIS ET CIRCENSE: DECOLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA AFRO-DIASPÓRICA EM GILBERTO GIL</i>	
Angélica Maria Schimitz da Silveira	
Camila Gabriela Pollnow	
Edelu Kawahala	
Lucas da Silva Sampaio	
Rodrigo Díaz de Vivar y Soler	
Thomas Teixeira Fidryszewski	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038	
CAPÍTULO 9.....	87
INTERDIÇÃO E NÃO DITO EM DUAS ‘MANCHETES’ DO <i>G1</i>	
Diego Rodrigo Ferraz	
Raíne Fogaça da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039	
CAPÍTULO 10.....	94
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: O TRAVESTISMO COMO DENÚNCIA SOCIAL EM LOUVET DE COUVRAY E MARTINS PENA	
Cristina Reis Maia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310	
CAPÍTULO 11.....	105
ROLAND BARTHES: ENTRE O EXERCÍCIO CRÍTICO E A LITERATURA, ENTRE A FIGURA E O PERSONAGEM	
Winnie Wouters	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311	
CAPÍTULO 12.....	122
NARRAÇÃO E MONTAGEM EM <i>O MEZ DA GRIPPE</i>	
Damásio Marques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312	
CAPÍTULO 13.....	140
<i>THE ENORMOUS ROOM</i> E <i>THE PILGRIM’S PROGRESS</i> : PEREGRINAÇÃO EM BUSCA DA LIBERDADE	
Laura Moreira Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	154
ÍNDICE REMISSIVO.....	155

CAPÍTULO 4

JOSÉ DE ALENCAR: O POLÍTICO NATO

Data de aceite: 01/03/2022

Juliana de Lima Laperla Batista

Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Guarulhos
<http://lattes.cnpq.br/1630089423275938>

Valéria Caração Camargo

USP-São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/3061120428156485>

RESUMO: José de Alencar sempre se mostrou extremamente crítico e refletiu isso em suas obras, logo após a Guerra do Paraguai, usando o pseudônimo de Erasmo, começou a escrever cartas, assim dessa forma estava instaurada uma coletânea de missivas que criticaria de forma veemente o reinado de D. Pedro II, assim como tentaria modificar a idiosincrasia tão comum ao povo brasileiro, que de acordo com ele mostrava-se “apolitizado” não por vontade própria, mas por decisões superiores que na verdade seriam imposições para que a situação de anestesia coletiva continuasse. Erasmo (Alencar) transformou suas cartas em uma espécie de Ágora do século XIX, onde de certa forma assuntos eram colocados em pauta para que pessoas daquele século e dos outros que viriam pudessem analisar a situação vigente e fazer um paralelo com o processo de construção de uma nação, em outras palavras realmente buscar essa nossa brasilidade tão almejada por Alencar, que sempre lutou de forma apaixonada pela busca de nossa identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas, histórias.

JOSÉ DE ALENCAR: THE NATO POLITICIAN

RESUMEN: José de Alencar siempre ha sido sumamente crítico y así lo refleja en sus obras, justo después de la Guerra del Paraguay, utilizando el seudónimo de Erasmo, comenzó a escribir cartas, creando así una colección de misivas que criticaría con vehemencia el reinado de D. Pedro II. , además de intentar cambiar la idiosincrasia tan común al pueblo brasileño, que, según él, se mostró “apolitizado” no por su propia voluntad, sino por decisiones superiores que en realidad serían imposiciones para la situación de anestesia colectiva. para continuar. Erasmo (Alencar) transformó sus cartas en una especie de Ágora del siglo XIX, donde, de alguna manera, se pusieron temas en la agenda para que personas de ese siglo y otras que vendrían pudieran analizar la situación actual y hacer un paralelo con el proceso. de construcción de una nación, es decir, buscar realmente esa brasileña nuestra tan deseada por Alencar, que siempre ha luchado con pasión por la búsqueda de nuestra identidad.

PALABRAS CLAVE: Cartas, historias.

**CARVALHO, JOSÉ MURILO DE (2009).
CARTAS DE ERASMO/JOSÉ DE
ALENCAR. RIO DE JANEIRO, ABL**

José de Alencar sempre se mostrou extremamente crítico e refletiu isso em suas obras, logo após a Guerra do Paraguai, usando o pseudônimo de Erasmo, começou a escrever

cartas, assim dessa forma estava instaurada uma coletânea de missivas que criticaria de forma veemente o reinado de D. Pedro II, assim como tentaria modificar a idiossincrasia tão comum ao povo brasileiro, que de acordo com ele mostrava-se “apolitizado” não por vontade própria, mas por decisões superiores que na verdade seriam imposições para que a situação de anestesia coletiva continuasse. Erasmo (Alencar) transformou suas cartas em uma espécie de *Ágora* do século XIX, onde de certa forma assuntos eram colocados em pauta para que pessoas daquele século e dos outros que viriam pudessem analisar a situação vigente e fazer um paralelo com o processo de construção de uma nação, em outras palavras realmente buscar essa nossa brasilidade tão almejada por Alencar, que sempre lutou de forma apaixonada pela busca de nossa identidade.

O volume “*Cartas de Erasmo / José de Alencar*”, organizado por José Murilo de Carvalho¹, para a Academia Brasileira de Letras, resultou de larga pesquisa acerca da obra política de José de Alencar, reunindo em um mesmo corpus, as cartas escritas sob o pseudônimo de Erasmo, destinadas ao povo, ao Visconde de Itaboraí, ao Marques de Olinda e ao Imperador. São estas últimas que interessarão para a análise deste trabalho.

Escritas entre os anos de 1865 a 1868, as cartas que foram inicialmente publicadas em folhetins semanais, vendidos em livrarias ou nas ruas, tinham como destinatário o Imperador, porém por serem abertas à população fomentavam um debate acerca da situação política em que se encontrava o país. Era uma forma de difundir ideias, sem ser considerado agressivo, como seria um panfleto ou um tratado. Nelas, encontra-se presente a preocupação do autor em aconselhar o chefe de Estado, para que acabe com as crises políticas e transforme o país em uma grande nação.

O projeto nacionalista de Alencar é tão evidente em suas missivas como em sua obra literária, com participação política ativa, sendo filho de senador do Império, e ele mesmo ocupando diversos cargos em sua carreira política, o escritor ocupava-se desde a defesa de uma liberdade linguística do português brasileiro até às polêmicas em relação a assuntos literários e governistas.

Considerado um dos maiores representantes da vertente Indigenista do Romantismo brasileiro, José de Alencar buscou dar a este movimento características singulares em relação ao Romantismo Europeu, enquanto neste último houve um escapismo da realidade e um retorno à época medieval, como forma de resgatar valores morais, no Brasil, este sentimento deu-se na valorização da natureza e na figura do índio, que representaria o ser humano em estágio puro.

Tal valorização de nosso habitante primitivo também pode ser explicada pelo fato de que o país havia passado pela independência recente, estando ainda em processo de formação da nação. Um nacionalismo latente impulsava resgatar o que seria especificamente brasileiro. Desta forma, o índio representava não apenas o passado, mas também o diferencial em relação à metrópole, muito embora seja um índio idealizado, que

¹ CARVALHO, José Murilo de (2009). *Cartas de Erasmo/José de Alencar*. Rio de Janeiro, ABL

encarnava os mesmos ideais do cavaleiro medieval, era sua figura e a natureza exuberante que nos distinguia como nação perante as demais. Sua trilogia de obras indigenistas *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, conseguiram mais que contar parte da formação de nossa história, também criaram personagens que entraram para o imaginário coletivo, como Iracema, Peri e Ceci, fazendo até hoje parte de nossa cultura.

As primeiras polêmicas relacionadas ao tema do índio deram-se em 1856, quando do surgimento do poema épico *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, Alencar publicara cartas destinadas à crítica de tal obra, por considerá-la ultrapassada e indigna de retratar a grandiosidade do fato, nisto é possível verificar suas acepções a cerca do assunto, e que podem ser consideradas como sua poética, pois tais conceitos seriam usados na criação de Iracema. A polêmica gerada com tais cartas, deu-se também pelo fato do autor do referido poema ser considerado o preferido do Imperador.

O embate com o Imperador acirrou-se quando ocorreu a publicação das cartas destinadas a ele, aconselhando-o em relação às questões mais pertinentes da época: a guerra do Paraguai e a abolição da escravidão. Nas cartas vê-se clara a posição conservadora do escritor que julga necessária a escravidão para o desenvolvimento do país, e uma certa defesa do absolutismo, pois crê que D. Pedro II deve centralizar os poderes, por isso incita o monarca a tomar para si a salvação da nação e legitima-o como o único capaz de tal feito. O nacionalismo se vê presente já na primeira carta, onde ressalta a importância do Imperador como condutor dos novos tempos, e reconhece a importância de D. Pedro I, para a libertação do país, porém como este era português, não caberia nessa nova fase.

“Quando o ciúme de origem atingiu a sua maior intensidade, D. Pedro II, português de nascimento, deixou de ser um monarca, para tornar-se um obstáculo, uma anomalia. A mais veemente das paixões populares, o patriotismo, sublevoou-se contra o princípio estrangeiro encarnado na sua pessoa. (...)”

Esta situação não é a do Sr. D. Pedro II, felizmente para o Brasil. Americano, como seu povo, com ele nascido neste solo abençoado, cresceram ambos ao influxo das mesmas crenças e das mesmas ideias. Não existe, pois, neste reinado o germe das invencíveis repulsões, que operam o divórcio entre o monarca e a nação.” (p.255)

O escritor ressalta o fato de o Imperador ter nascido no Brasil, o que faria de D. Pedro II o primeiro monarca legitimamente brasileiro. Como se o rei se assemelhasse a Moacir, filho de Iracema, o primeiro mestiço, que por ter nascido nestas terras, é responsável por seu futuro.

Porém, os elogios ao líder da nação limitam-se a sua origem, no que diz respeito aos demais assuntos políticos, Erasmo é implacável em suas posições e segue o lema *Nemini cedo*, não cedo a ninguém, provocando desentendimentos em inúmeras outras questões, como nas relacionadas à guerra.

Em 13 de novembro de 1864, o território do Mato Grosso é invadido em toda a sua extensão, inclusive o presidente daquela província sofreu os reflexos desse ato. Exatamente, um mês depois, as estratégias e as operações de guerra se iniciam de forma incessante.

Quando o conflito acaba (1870), Dom Pedro II era um velho cansado, com cabelos brancos e que padecia ao ver os reflexos de acontecimento tão dantesco e cruel.

Nesse período conturbado (17 de novembro de 1871) segundo Menezes ²(1946), quando o país já tinha despertado da ilusão de ver prontamente a luta, assim surge uma série de cartas ao Imperador, num total de 10, que levavam a assinatura de Erasmo (pseudônimo), o mais interessante é destacar o papel de D. Pedro II, que costumava saboreá-las a cada linha, dessa forma o público também se deliciava com cada uma delas.

Em suas primeiras missivas Alencar (Erasmo) critica a anestesia em que a maioria da população se encontrava depois desse conflito:

“O Brasil passa neste momento um transe bem doloroso. Se a rotação dos estados tem seus dias e suas noites, nós chegamos já às sombras crepusculares de uma tarde medonha; os pródromos da tormenta são sinistros; a calma podre da opinião assusta os espíritos mais intrépidos. Um publicista, tão robusto no raciocínio, quanto profundo na observação, Montesquieu¹, deixou escritas estas palavras: “A desgraça de uma república é a carência de luta; sucede isso quando corrompem o povo; ele torna-se frio e se afeiçoa ao dinheiro; mas perde o gosto aos negócios. Sem interesse pelo governo e pelo que lhe propõem espera tranquilamente o salário.” (Esp. das Leis – Liv. 2.o, cap. 2.º). Quem não sente a presença desse grave e terrível sintoma de corrupção, na infeliz atualidade, em que tudo se merca e barateia, voto, honra e reputação?”³

Vivemos uma guerra que deixou um saldo de 300 mil mortos entre civis e militares e mais uma vez estávamos tentando juntar pedaços, dentro de uma nação que vivia mais um capítulo negro em sua história.

D. Pedro foi aclamado como grande herói da Guerra do Paraguai e Alencar o critica indagando: “Por que serieis herói em Uruguiana, onde não se feriu batalha, nem celebrou vitória?”.

As cartas dependem de um contexto histórico, por isso essa relação politizada exagerada de Alencar (Erasmo), segundo Philippe Lejeune a carta depende de fatores ligados a motivações históricas, tudo influi no conteúdo e na forma da mensagem enviada⁴.

Em sua segunda carta há fortes indícios de reclamação quanto à política brasileira, afirmando que a mesma “ corrompe a nação”.

Sabeis, Senhor, onde hoje se encontra vosso povo, aquele mesmo povo entusiasta que fez a Independência, a Abdicação e a Maioridade? Nas audiências dos ministros, nas casas dos patronos de maior voga, à porta

2 MENEZES, Raimundo de. **José de Alencar**. São Paulo: Livraria Martins, 1946. (Pag. 240 e 241)

3 CARVALHO, José Murilo de. **Cartas de Erasmo ao Imperador**. Academia Brasileira de Letras, 2009.

4 Philippe Lejeune. *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil, 1975, pp. 315-316. [Edição brasileira: *O Pacto Autobiográfico: de Rosseau à Internet*. Trad.Jovita Maria Gernheim Noronha, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008

da matriz, onde se arremata a eleição em hasta pública. Se aí não estiver, é porque forma o cortejo de alguma leviana donzela trajada à militar ou aplaude com frenesi as chocarrices da farsa e as corridas de circo. (MENEZES, Raimundo de. **José de Alencar**. São Paulo: Livraria Martins, 1946)

Alencar compara a falta de perspectiva dos brasileiros em relação ao princípio do pão e circo muito utilizado pelos romanos, assim como nos tempos atuais, muitos acontecimentos políticos eram manipulados, ou seja, o poder popular era utilizado quando era interessante para a classe dominante.

Na carta VI Erasmo (Alencar) faz referência a falta de educação política do povo brasileiro que é destacado nesse fragmento:

“O povo não luta, pois, na república senão consigo mesmo, com as paixões próprias, que os tribunos costumam explorar em proveito seu e detrimento da pátria. Grécia e Roma foram republicanas; mas o governo misto que Tácito¹ e Cícero² declararam impossível na antiguidade só pode realizar-se com o influxo da civilização moderna”.⁵

Nesse fragmento Erasmo (Alencar) questiona o fato do povo não ter visão preparo para viver a política, ou seja, participar dela com real interesse, exigindo participação e decisão dentro dos fatos referentes à nação. Em outro trecho ele realmente evita o uso de eufemismos para falar da falta de educação política do povo:

“A causa radical do marasmo em que se acha o país está bem saliente; facilmente se acompanha na história do império seu rastro assolador. Para fazer dela evidências, basta designá-la. É a falta de educação política.”⁶

Assim sendo o universo das cartas faz parte de um contexto histórico, mais precisamente, segundo Raffaele Morabito⁷, podemos afirmar que faz parte de uma “ delimitação histórica”. Alencar (Erasmo) era contra a política de D. Pedro II e isso era deveras evidente.

Entende-se missivas ou produções epistográficas de acordo com Haroche-Bouzinac⁸(2015) “a imagem que se faz da carta um “espelho da alma”que provém da mais antiga retórica, presente inclusive na bíblia. Podemos encontrá-la em Paulino de Nole que afirmou que “ as palavras de um homem são espelho de seu espírito “. Sendo assim, as cartas com pseudônimo Erasmo e endereçadas à D. Pedro mostravam o descontentamento e a vontade de despertar a criticidade em um povo massacrado por um história triste e adormecida dentro de mentiras.

Ela era um homem adiante de seu tempo e ao mesmo tempo engajado com os problemas nacionais, queria realmente que o nosso país tivesse a sua brasilidade. Para isso ele tinha consciência que um povo sem instrução não poderia lutar pelos seus direitos

5 CARVALHO, José Murilo de. **Cartas de Erasmo ao Imperador**. Academia Brasileira de Letras, 2009 (pág. 60)

6 CARVALHO, José Murilo de. **Cartas de Erasmo ao Imperador**. Academia Brasileira de Letras, 2009 (pág.60)

7 MORABITO, Raffaele. “Pratiques epistolares et epistolarité restreinte”. *Orbis Litterarum*, 1989, n.44

8 HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*; tradução Lígia Fonseca Ferreira. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016 (pág. 143)

e nem valorizar pelo que era deles por direito, ou seja, sua própria cultura.

Sua rixa com D. Pedro vinha também do fato do imperador não o aceitar como senador vitalício, porque assim ele teria uma certa independência em relação ao poder central.

Segundo Silva (2015)⁹ Alencar provocou debates, com ousadia, “apesar de todas as precariedades” conseguiu fazer história, um típico homem do século XIX que buscou através de seus romances, cartas e peças de teatro a pitada certa para repercutir ideias, conceitos e dessa forma se firmar como o grande mestre da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. **Cartas de Erasmo ao Imperador**. Academia Brasileira de Letras, 2009

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*; tradução Lígia Fonseca Ferreira. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016 (pág. 143)

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil, 1975, pp. 315-316. [Edição brasileira: *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gernheim Noronha, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008

MENEZES, Raimundo de. **José de Alencar**. São Paulo: Livraria Martins, 1946.

MORABITO, Raffaella. “Pratiques épistolares et épistolarité restreinte”. *Orbis Litterarum*, 1989, n.44

RICUPERO, B. (2004) *O Romantismo e a Ideia de Nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes.

RIZZO, R. (2010) “José de Alencar: da literatura à teoria política” In: Gabriela Nunes Ferreira & André Botelho (org). *Revisão do Pensamento Político Conservador: ideias e política no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Fapesp.

RODRIGUES, A. E. M. (2001) “José de Alencar: O Poeta Aramado – A Letra como Arma no Segundo Reinado”. In: *O liberalismo no Brasil imperial: origens, conceitos e prática*. (org.) Lucia Maria Paschoal Guimarães; Maria Emília Prado. Rio de Janeiro: Revan: UERJ.

SILVA, Odalice de Castro. **Os homens Pacatos não fazem história: José de Alencar, quase quatro décadas depois do 1º centenário**. In: PELOGGIO, Marcelo, VASCONCELOS, Arlene Fernandes, BEZERRA, Valéria(ORG). **José de Alencar : século XXI**. Fortaleza: Edições UFC, 2015(págs 329 -345)

9 SILVA, Odalice de Castro. **Os homens Pacatos não fazem história: José de Alencar, quase quatro décadas depois do 1º centenário**. In: PELOGGIO, Marcelo, VASCONCELOS, Arlene Fernandes, BEZERRA, Valéria(ORG). **José de Alencar : século XXI**. Fortaleza: Edições UFC, 2015(págs 329 -345)

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise textual dos discursos 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 50

B

Bolsonaro 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50

Brasil 1, 2, 5, 8, 10, 15, 17, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 47, 48, 49, 52, 56, 59, 62, 63, 66, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 91, 93, 98, 100, 140

C

Carta 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 148, 149

Cultura 4, 18, 23, 24, 32, 35, 38, 62, 64, 65, 67, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 95, 96

D

Decolonialidade 75, 77, 78

E

Erasmus 33, 34, 35, 36, 37, 38

F

Fake news 40, 47, 48, 49

Figura 23, 34, 35, 43, 45, 57, 58, 96, 101, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137

França 94, 97, 100, 104, 143, 149

G

Gilberto Gil 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86

I

Identidade negra 75, 79, 82, 84

Imigrantes 25, 62, 63, 64, 73

Interdição 87, 88, 89, 90, 92, 127

J

John Bunyan 140, 141, 142, 144, 148, 151, 152

Jorge de Souza Araújo 15

Jornal 8, 10, 11, 19, 127, 129, 135, 136, 138

José de Alencar 33, 34, 36, 37, 38

L

Letramento 63, 64, 65, 70, 72, 73, 74

Literatura 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 31, 32, 38, 61, 83, 84, 97, 100, 104, 105, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 128, 130, 132, 138, 139, 141, 152, 154

Louvet de Couvray 94, 98, 99, 100

M

Manchete 87, 88, 90

Martins Pena 94, 98, 99, 101, 103

Metodologia 50, 55, 60, 62, 64, 72, 154

Mia Couto 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 80, 86

Moçambique 17, 22, 25

Moral 5, 7, 10, 83, 95, 102, 143, 147

N

Narrador 19, 23, 26, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139

P

Paródia 140, 143, 145, 146, 148, 150, 152

Pero Vaz de Caminha 27, 28, 32

Personagem 19, 24, 30, 96, 97, 99, 101, 102, 105, 107, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 135, 140, 145, 147, 148, 150

Política 2, 5, 6, 7, 11, 19, 24, 26, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 48, 50, 52, 53, 56, 78, 87, 90, 94, 95, 96, 98, 139, 145

Pragmática 23, 52, 53, 54, 55, 60, 61

R

Refugiados 62, 63, 64, 72, 73, 74

Religião 80, 95, 98, 142

Representações discursivas 39, 40, 41, 46, 49, 50, 51

Roland Barthes 105, 117, 120, 121

Ruptura 18, 19, 77, 94

S

Semiótica 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Sexo 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 21, 29, 50, 62, 78, 82, 85, 95, 97, 98, 101,

102, 146, 150, 152

T

Teatro 8, 38, 103, 116, 128, 135, 136

Travestismo 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Tropicália 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86

V

Valêncio Xavier 122, 123, 135, 139

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

LETRAS, política & sociedade



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

LETRAS, política & sociedade

